



ORIENTE MÉDIO/ Em resposta à proposta dos Estados Unidos, Hamas concorda com a libertação de reféns israelenses, mas exige o fim da guerra em Gaza. Para o negociador norte-americano, as exigências são "inaceitáveis" e "só fazem retroceder"

Cessar-fogo mais distante

Os Estados Unidos consideram "inaceitável" a resposta do movimento islamita palestino Hamas à proposta norte-americana de trégua na Faixa de Gaza, que já havia sido aceita por Israel. Em nota, o grupo radical islamita disse acatar a libertação de 10 reféns vivos, mas destacou o pedido de garantias de que o cessar-fogo temporário leve ao fim da guerra, em curso há quase 20 meses. Por sua vez, Steve Witkoff, enviado de Washington para o Oriente Médio, escreveu na rede X que a resposta "é totalmente inaceitável e só nos faz retroceder".

O anúncio veio um dia depois de o ministro israelense da Defesa, Israel Katz, instar o Hamas a aceitar a proposta norte-americana de trégua e a libertação dos reféns ou se arriscar a ser "aniquilado". O grupo extremista não informou se aceitou todos os dispositivos do acordo, mas insistiu na necessidade do fim dos ataques. "Essa proposta visa alcançar um cessar-fogo permanente, uma retirada abrangente da Faixa de Gaza e garantir o fluxo de ajuda ao nosso povo e às nossas famílias", disse Bassem Nain, integrante do escritório político do movimento.

"O Hamas deveria aceitar a proposta marco que apresentamos com a base para futuros diálogos, que poderiam começar imediatamente na semana que vem", reagiu Witkoff. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, foi na mesma linha do norte-americano e acusou o Hamas de se agarrar "a seu rejeicionismo".

Retirada

Segundo uma fonte do Hamas próxima das negociações,

Omar AL-QATTAA / AFP



Bombardeio nas proximidades do Hospital Ahli Arab, no bairro de Daraj, na Cidade de Gaza: novo impasse nas negociações

o movimento palestino "informou aos mediadores de sua resposta formal por escrito, que inclui uma resposta positiva a Witkoff, mas com ênfase na garantia de um cessar-fogo permanente e na retirada total israelense". Na sexta-feira, o presidente norte-americano, Donald Trump, afirmou que um acordo sobre o cessar-fogo estava "muito próximo".

Israel enfrenta uma crescente pressão internacional pela guerra na Faixa de Gaza e a situação humanitária no território pales-

tino, onde um bloqueio de mais de dois meses, aliviado parcialmente na semana passada, provocou uma grave escassez de alimentos, medicamentos e outros bens essenciais. Na sexta-feira, o Escritório de Coordenação de Assuntos Humanitários da Organização das Nações Unidas (Ocha) qualificou Gaza como "o lugar com mais fome do mundo", onde "100% da população está em risco de fome extrema".

A proposta da Casa Branca prevê uma trégua de 60 dias,

que pode se estender a 70. Também inclui a entrega pelo Hamas de cinco reféns e os corpos de nove mortos, em troca da libertação de prisioneiros palestinos. Na segunda semana, seria realizada uma nova rodada, com o mesmo número de vivos e mortos.

Questionamento

No comunicado publicado ontem, o Hamas questionou os comentários do enviado norte-americano para o Oriente Médio.

"Em resposta aos comentários de Witkoff sobre nossa proposta: não rejeitamos a proposta do Sr. Witkoff. Na semana passada, chegamos a um acordo e entendimento com ele sobre uma proposta que ele considerou aceitável para negociação. Foi-nos, então, apresentada a resposta israelense, que discordava de todas as disposições acordadas", destacou Bassem Nain.

O integrante do escritório político do Hamas garantiu que aceitou a libertação dos reféns

» Região italiana rompe com Israel

O presidente da região italiana da Emília-Romanha pediu, ontem, em uma mensagem aos dirigentes regionais, a interrupção de "qualquer forma de relação institucional" com Israel devido à "gravíssima violência em curso na Faixa de Gaza". Michele de Pascale, do Partido Democrático (PD), centro-esquerda, pediu que todos cessem relações com representantes do governo israelense, exceto se forem "abertamente e claramente motivadas pela vontade de parar o massacre em curso". Ele lembrou também que o primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, é objeto de uma ordem de captura internacional do Tribunal Penal Internacional (TPI).

da forma como estipulada pelo texto norte-americano. "Por que, em todas as ocasiões, a resposta israelense é considerada a única resposta para negociação?", questionou. Das 251 pessoas sequestradas pelo grupo em 7 de outubro de 2023, 57 permanecem retidas na Faixa de Gaza. Dessas, ao menos 34 teriam morrido, segundo as autoridades israelenses.

As negociações sobre um cessar-fogo para pôr fim à guerra fracassaram até agora, depois de Israel retomar sua ofensiva em março e pôr fim a uma trégua de dois meses. Nas últimas semanas, o exército intensificou as operações militares no território palestino sitiado.

Enriquecimento de urânio acelerado

Relatório da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) sustenta que o Irã acelerou o ritmo de sua produção de urânio enriquecido. Segundo a agência nuclear da Organização das Nações Unidas (ONU), registrou um aumento claro de urânio enriquecido a 60%, um nível próximo dos 90% necessários para produzir armas nucleares.

O documento confidencial, ao qual a agência de notícias France Presse (AFP) teve acesso, foi classificado de "político" por Teerã, que informou ter recebido "elementos" de uma proposta norte-americana para um novo acordo.

De acordo com a AIEA, o total de urânio enriquecido chegou a 408,6 kg em 17 de maio. Isso significa um aumento de 133,8 kg nos últimos três meses, enquanto no período anterior tinha sido registrado um aumento de 92 kg.

Dessa forma, avaliam os especialistas, a quantidade total de urânio enriquecido supera, agora, 45 vezes o limite autorizado pelo acordo nuclear de 2015, assinado entre o Irã e as grandes potências ocidentais em troca de uma suspensão das sanções econômicas a Teerã. O acerto caducou em 2018, quando os Estados Unidos se retiraram do pacto durante o primeiro mandato do

presidente Donald Trump.

"Esse aumento considerável da produção por parte do único Estado não detentor de armas nucleares que produz este tipo de material nuclear é motivo de grande preocupação", enfatiza um trecho do relatório do organismo das Nações Unidas.

O documento vem a público a uma semana de uma reunião da Junta de Governadores em Viena, um dos dois órgãos da AIEA, e enquanto Teerã e Washington mantêm diálogos para tentar chegar a um novo acordo. "Apesar das inúmeras advertências da comunidade internacional, o Irã está totalmente decidido a

completar seu programa de armamento nuclear", reagiu o gabinete do primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, em um comunicado.

Nas últimas semanas, Estados Unidos e Irã, inimigos há mais de quatro décadas, mantiveram cinco reuniões para buscar um entendimento sobre o programa que, segundo Washington e seus aliados ocidentais, pode levar o Irã a obter a arma nuclear. Fontes iranianas divulgaram ter recebido algumas informações sobre uma nova proposição dos EUA. Na véspera, Trump considerou que os dois países estavam "bastante próximos de um acordo".

Organização de Energia Atômica do Irã / AFP



Interior da usina de Fordo, localizada cerca de 180Km ao sul de Teerã

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O Canadá tem rei

A ânsia por ser diferente não torna nada mais belo do que a força da tradição. A harmonia visível de um sistema político estável — que dispensa estereótipos e propaganda para ser reconhecido — é o principal fermento das atitudes de líderes exemplares. Isso se torna ainda mais evidente em períodos de crise, de devastação de valores e de escassez de serenidade para admirar pessoas sensatas. Consensos e conciliações tornam-se inatingíveis quando a reflexão é característica de poucos e as ideias exageradas capturam mais atenção.

Um dos mais elevados políticos, diplomatas e intelectuais brasileiros, o pernambucano Joaquim Nabuco — aristocrata da

mais alta hierarquia nacional durante a transição do Império para a República — tornou-se homem público por uma tradição familiar que sabia o que expressava uma civilização vitoriosa. Em nome da grandeza da nação, dedicou-se, assim, por toda a vida, a destruir a obra da escravidão no Brasil.

Em Minha Formação, um dos mais belos livros já escritos por um brasileiro, Nabuco — que viveu no Reino Unido e nos Estados Unidos — não hesita em afirmar: "Um governo pessoal é possível na Casa Branca; é impossível no Castelo de Windsor." A superstição do costume admite até o respeito pelo que é inútil, desde que carregue o selo de uma época; e, se houver necessidade de reforma, esta não deve romper com o espírito original das instituições.

As diferenças entre os dois países são descritas com notável precisão, como na observação de que

"não há na Inglaterra um trecho do território em que os cidadãos só tenham confiança na justiça que fazem com as próprias mãos." Nabuco ainda afirma: "Os EUA são um país livre por excelência, que se acostumou a ser independente do governo... assim, o cidadão nos EUA vale menos do que na Inglaterra, onde a proteção governamental está sempre presente." Em uma síntese das impressões que acumulou ao longo da vida, observa que o inglês faz tudo sólido, o francês, elegante, e o americano, nítido. Mas adverte, com tom de profeta: "a questão é saber se a coluna de auto-riedade, presente na Inglaterra, e que parece hoje tão leve nos EUA, não virá um dia a ser a mais pesada de todas."

Pois bem, eis que um presidente estadunidense, em uma busca peculiar por popularidade e influência, decide ofuscar as tradicionais luzes de seu país e impor à

nação suas ideias, partindo para cima do Canadá — esquecendo-se de que o vizinho ao norte é um país da Commonwealth, organizada em torno da tradição britânica. Assim, com força e tradição, a velha monarquia se reafirma aplicando tapas de luva na jovem República da América do Norte.

Na terça-feira passada, em um gesto simbólico e inesperado, embora protocolar, o rei Charles III presidiu a abertura da 45ª Legislatura do Parlamento do Canadá. Sentado no trono em uma câmara temporária do Senado — instalada numa antiga estação de trem —, o monarca reinante conduziu, pela primeira vez em 50 anos, a cerimônia em Ottawa.

O discurso do rei foi especialmente aguardado diante das atuais tensões no país. Para além dos debates sobre a reconciliação com os povos indígenas, a crise climática e os desafios à unidade nacional — temas recorrentes na po-

lítica canadense nas últimas décadas — desta vez pairava a sombra das insólitas investidas da superpotência vizinha.

Todos estavam atentos às mensagens que o soberano iria enfatizar, reveladoras tanto do tom do novo governo quanto do papel da monarquia na contemporaneidade canadense. Afinal, o surpreendente convite ao rei é atribuído ao desconforto gerado por diversas declarações do atual governo dos EUA, que vêm tentando rebaixar o status do Canadá como nação soberana.

O Canadá parecia querer afirmar: "Não me pareço tanto assim com você, EUA. Nossas raízes históricas se separaram há muito tempo — marcando diferenças substantivas entre nossas sociedades. Se for para aceitar algum tipo de subordinação, que seja àquela historicamente destinada ao rei que vive no Reino Unido e a quem nem precisamos mais dar tanta bola."

Afinal, muitos não se dão conta, mas a monarquia é um dos elementos que, de fato, diferenciam o Canadá de seus vizinhos americanos e além. Enquanto o chefe de governo canadense é o primeiro-ministro, que exerce poderes mais amplos do que em outros sistemas parlamentaristas, o chefe de Estado continua sendo o monarca da Commonwealth. Hoje, a Commonwealth reúne 15 reinos, todos soberanos e independentes entre si, iguais em status e unidos por lealdade comum à mesma Coroa.

O rei reina, mas não governa, decide, a seu modo, cada nação. Trata-se de um arranjo institucional único no mundo. Charles — em discurso feito, em parte, em francês — enfatizou o respeito aos povos indígenas locais, maior valorização de aspectos multiculturais e da gestão multilateral do mundo.

PAULO DELGADO, sociólogo.